

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**  
**CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE**  
**NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE**  
**LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**FILIPPE ANTONIO FERREIRA DA SILVA**

**Enfrentamentos de professores homossexuais na escola com relação à**  
**LGBTfobia**

**CARUARU**

**2016**

**FILIPPE ANTONIO FERREIRA DA SILVA**

**Enfrentamentos de professores homossexuais na escola com relação à  
LGBTfobia**

Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura em Pedagogia da  
Universidade Federal de Pernambuco  
(CAA), para obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Allene  
Carvalho Lage

**CARUARU  
2016**

Catálogo na fonte:  
Bibliotecária – Simone Xavier CRB/4 - 1242

S586e Silva, Filipe Antonio Ferreira da.  
Enfrentamentos de professores homossexuais na escola com relação à Lgbtfobia. /  
Filipe Antonio Ferreira da Silva. – 2016.  
49f. il. ; 30 cm.

Orientadora: Allene Carvalho Lage  
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de  
Pernambuco, CAA, Pedagogia, 2016.  
Inclui Referências.

1. Homossexualidade. 2. Sexismo na educação. 3. Homofobia. 4. Papel sexual. I.  
Lage, Allene Carvalho (Orientadora). II. Título.

370 CDD (23. ed.) UFPE (CAA 2016-159)

Avaliação Final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

Aluno: Filipe Antonio Ferreira da Silva

Título do Trabalho: Enfrentamento de professores homossexuais na escola com relação à LGBTfobia

Monografia ( X ) Artigo Científico ( )

Data de Defesa: 20 de junho de 2016

Orientadora: Profa. Dra. Allene Carvalho Lage  
Nota ( )

Avaliador 1: Prof. Dr. Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda  
Nota ( )

Avaliador 2: Prof. Ms. Rafael Lima Vieira  
Nota ( )

Nota final ( )

Aprovado (X) Aprovado com correções ( ) Não Aprovado ( )

Comentários necessários

---

---

---

## Dedicatória

Dedico esta pesquisa a todos os LGBT que fizeram e fazem a nossa história. Que ousaram lutar contra a submissão, ódio e a violência.

A minha mãe, que mesmo não entendendo minha luta, me ajudou a chegar até aqui, com esforços que vão além do que eu possa imaginar.

A minha sobrinha, que me faz enxergar um futuro e um presente sem preconceitos.

A minha turma de Pedagogia 2015.2 que nunca desanimou diante dos obstáculos de nossa futura profissão e o respeito com meu ativismo em sala de aula.

As minhas colegas e amigas de curso: Vanessa que me ajudou no início da graduação dividindo o dinheiro das xerox comigo; a Priscila pelos estágios feitos com muita dedicação e tradução dos meus rabiscos e a Érika pela parceria na noite caruaruense e a sinceridade.

Aos meus amigos, que são divinos. Mesmo eu sendo tão chato.

Aos meus filhos Jhonny e Artemis (meus gatos) que me fazem ter o olhar sensível.

Aos meus professores de Pedagogia por me desconstruir e me reconstruir de teorias e práticas. Em especial aos professores Marcelo, Conceição, Nina, Alexandre, Carla, Paulo Davi, Jaqueline, Sandro, Maria Alves, Fernanda, Iranete, Ana Maria, Ana Duarte, Fátima e Alex.

À minha orientadora Allene Lage, que acompanhou minha evolução enquanto pesquisador e militante LGBT e a confiança para poder encerrar seu projeto de pesquisa enquanto estudante de iniciação científica. Ao grupo de extensão do Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina e ao Pré Acadêmico Superação, na qual tive a honra de lecionar História.

À Secretaria Especial da Mulher e de Direitos Humanos. Por te me acolhido e me deixar ter uma das experiências mais marcantes da minha vida. Ser o Assessor LGBT mais jovem do Estado de Pernambuco me deixa com a responsabilidade e a confiança em uma Caruaru mais segura e inclusa para os LGBT.

Ao meu namorado pelo seu amor incondicional. E pelas nossas vidas juntas.

A Deus, que me acompanha em minhas orações, pela sua infinita bondade comigo.

E ao meu futuro, que trilhará conforme eu estiver caminhando.

*“Sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas” (HOOKS, 2013, p. 103)*

## RESUMO

O presente artigo é um estudo sobre enfrentamentos de professores homossexuais na escola com relação à LGBTfobia. Propomos um estudo em duas escolas do município de Caruaru, uma na rede Estadual e outra na Municipal. Temos como objetivo geral estudar os principais enfrentamentos dos professores homossexuais na escola com relação a LGBTfobia, juntamente com os objetivos específicos sistematizar os principais argumentos sexistas e LGBTfóbicos presentes na escola referente a diversidade sexual; levantar as principais questões decorrentes da LGBTfobia que os/as professores/as homossexuais enfrentam em seu cotidiano; e apontar os principais fundamentos de uma educação não-sexista. Este trabalho justifica-se pela ausência de discussão sobre a temática da diversidade sexual nas escolas, que por muitas vezes está entrelaçado a um modelo hegemônico de cultura escolar. Nossa problematização é saber quais os principais enfrentamentos dos professores homossexuais na escola com relação a LGBTfobia? Em nossa metodologia adotamos uma pesquisa qualitativa/exploratória e explicativa (GIL, 2002; MINAYO, 2008; DESLAURIERS, 2008; e LAGE, 2013) apoiada ao estudo do Caso Alargado (SANTOS, 1983) com entrevista não-estruturada, para coletar e tratar dos dados, nós utilizamos de bases teóricas sustentadas pelas epistemologias feministas para situar nosso trabalho dentro de um panorama atual, do lado dos estudos *Queer*. Ao mesmo tempo em que nós utilizamos das falas de profissionais de educação para nos direcionar os resultados. Nossas conclusões foram no sentido de dar conhecimento sobre os problemas oriundos de professores homossexuais na atuação profissional em combate com a LGBTfobia e problemas oriundos das posições pessoais e profissionais da educação.

**Palavras-chaves:** Homossexualidade. Diversidade Sexual. LGBTfobia. Sexismo. Educação não-sexista.

## **ABSTRACT**

This article is a study about homosexual teachers facing the LGBTphobia in the school environment. We offer a study of two schools from the county of Caruaru, one on the state system and the other one on the county system. Our overall objective is to study the major clashes that gay teachers face at school fighting the LGBTphobia, together with the specific objectives systematize the main sexist and LGBTphobic arguments existente in the school relative to sexual diversity; Bring the main questions about LGBTphobia that the homosexual teachers face daily; and point the main reasons of a non-sexist education. This paper is justified by the absence of discussion on the issue of sexual diversity in schools. Our questioning is to know which are the major clashes that homosexual teachers face related to LGBTphobia? In our methodology we adopted a qualitative/exploratory and explanatory research (GIL, 2002; MINAYO, 2008; DESLAURIERS, 2008; e LAGE, 2013) supported the Caso Alargado (SANTOS, 1983) with unstructured search, to collect and process the data, we made use of theoretical basis supported by feminist epistemology to situate our work within the current situation , next to the Queer study. In the meantime, we use the talk from education professionals to guide the results. Our findings were in order to give knowledge about the problems arising from homosexual teachers in professional performance in combat with LGBTfobia and problems arising from the personal positions and education professionals.

**Keywords:** Homosexuality. Sexual diversity. LGBTphobia. Sexism. Non-sexist education

## SUMÁRIO

|                                                                                                |    |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO .....                                                                               | 9  |
| 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....                                                                 | 17 |
| 1.1 Diversidade Sexual.....                                                                    | 17 |
| 1.2 LGBTfobia .....                                                                            | 19 |
| 1.3 Educação não-sexista .....                                                                 | 23 |
| 2. METODOLOGIA 2.1 Abordagem da pesquisa .....                                                 | 28 |
| 2.1 Tipos de estudo segundo os objetivos .....                                                 | 29 |
| 2.2 Método de pesquisa.....                                                                    | 30 |
| 2.3 Delimitação e local da pesquisa .....                                                      | 31 |
| 2.4 Fontes de informação .....                                                                 | 31 |
| 2.5 Técnicas de coleta .....                                                                   | 32 |
| 2.6 Análise e sistematização de dados.....                                                     | 32 |
| 3. O CASO DOS PROFESSORES HOMOSSEXUAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE CARUARU .....          | 34 |
| 4. ANÁLISE DO CASO DOS PROFESSORES HOMOSSEXUAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE CARUARU ..... | 39 |
| 4.1 Práticas docentes de enfrentamento da LGBTfobia .....                                      | 34 |
| 4.2 Militância/ativismo do/a professor/a para a diversidade sexual.....                        | 35 |
| 4.3 Identidades afetivas/sexuais do/a professor/a.....                                         | 36 |
| 4.4 Ações pedagógicas para uma educação não-sexista.....                                       | 37 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                                                   | 45 |
| REFERÊNCIAS .....                                                                              | 47 |

## INTRODUÇÃO

Ao analisarmos nossa sociedade ocidental contemporânea, vivenciamos um perfil de diversos cenários e culturas. Povos e línguas. Gêneros e identidades sexuais. Ódio e militância, democracia e luta. E me motivar por escrever sobre diversidade sexual e educação em tempos de ódio a classe LGBT<sup>1</sup>, é a maior prova de rebeldia contra um sistema opressor. É reivindicar mais uma vez uma escola pública pautada no respeito e na luta pela igualdade na diferença. Para darmos início ao nosso estudo, situaremos a pedagogia *Queer* como um dos suportes epistemológicos que nos guiará ao longo desse exercício de pesquisa. Situando em um quadro geral os/as autores/as que trabalham com educação e teoria *queer* no âmbito nacional e internacional.

Historiando o *Queer*, na literatura Inglesa surge o autor, escritor e dramaturgo Britânico Oscar Wilde<sup>2</sup> que escreveu contos, peças e poesias marcadas pelo cinismo, sarcasmo e afetividade. Conhecido como um dos maiores escritores ingleses, sua obra prima foi o romance “O retrato de Dorian Gray” onde escreve sobre vaidade, beleza, erotismo e homossexualidade. Diante da repercussão do livro, foi acusado de pederasta<sup>3</sup> e de manter relações homoeróticas com rapazes na época. Foi condenado a dois anos de prisão em trabalhos forçados. A sua narrativa de vida fez com que a militância LGBT o reconhecesse como o primeiro *Queer* da história. Palavra essa usada na época para rebaixá-lo. A palavra *Queer* é um termo inglês usado a mais de 400 anos. Seu significado estava associado a vagabundos, prostitutas e todos os tipos de pervertidos e devassos. Ganhando grande repercussão com Oscar Wilde, onde o chamaram de “viadinho”, entre outros xingamentos associados ao termo como “sapatão” e “esquisito”. Todos aqueles que fugiam da norma sadia de sociedade heteronormativa<sup>4</sup> passariam a ser chamados de “*queer*”. Como nos fala LOURO:

*Queer* pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler, a fora de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo tempo, e que, por isso,

<sup>1</sup> A sigla LGBT usada nesta pesquisa significa Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Aprovada na I Conferência Nacional LGBT, no ano de 2008.

<sup>2</sup> 16 de outubro de 1854- Paris, França, 30 de novembro de 1900.

<sup>3</sup> Homem em fase adulta que sente admiração (não necessariamente atração) por adolescentes em fase de puberdade. Também conhecido historicamente como modo pejorativo para com as identidades homossexuais.

<sup>4</sup> Segundo Miskolci, a heteronormatividade expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade.

adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido (LOURO, 2001, p. 546).

O termo *Queer* passa a ser ressignificado pelo movimento, (diante de sua carga de preconceito e insulto) para ser usado como identidade afirmativa da prática e conduta homossexual, contrapondo-se a normalização das relações sociais. No Brasil, Berenice Bento (2006) irá chamar de *Queer* o “transviado” numa tradução livre e política. E o que essa teoria deslocada trouxe de extraordinário para o cenário acadêmico e para os/as ativistas gays e lésbicas? Segundo LOURO:

A política *queer* está estreitamente articulada à produção de um grupo de intelectuais que, ao redor dos anos 90, passa a utilizar este tempo para descrever seu trabalho e sua perspectiva teórica. Ainda que esse seja um grupo internamente bastante diversificado, capaz de expressar divergências e de manter debates acalorados, há entre seus integrantes algumas aproximações significativas (LOURO, 2001, p. 546).

Os estudos *queer* se vestem da corrente francesa do pós- estruturalismo<sup>5</sup>, problematizando e desconstruindo o sujeito e sua identidade. Grandes nomes do pós estruturalismo perturbam ainda mais a racionalidade do sujeito e sua identificação. Tendo como destaque maior as contribuições de Michel Foucault com suas discursivas sobre sexualidade. Diz ele:

Assistimos a uma explosão visível das sexualidades heréticas, mas sobretudo- e é esse o ponto importante- a um dispositivo bem diferente da lei: mesmo que se apoie localmente em procedimentos de interdição, ele assegura, através de uma rede de mecanismos entrecruzados, a proliferação de prazeres específicos e a multiplicação de sexualidades disparatadas (FOUCAULT, 1993, p. 48).

Foucault ao longo do século será o grande combustível teórico da teoria *queer* e de seus seguidores. Trazendo o debate discursivo da sexualidade e seus dispositivos binários. Ao longo desse exercício de pesquisa será também nossa fonte de energia ilimitado.

Nossa pesquisa também abordará a epistemologia feminista como suporte teórico para descrever uma educação não-sexista. Trazendo o debate contemporâneo de escritoras feministas latino-americanas e norte-americanas clássicas e suas intersecções com o movimento LGBT e a teoria *Queer*.

---

<sup>5</sup> Movimento de pensamento em reação à perspectiva filosófica estruturalista, através de uma teorização que passa a levar em conta, de uma maneira mais radical, a linguagem e os processos de significação (JAMIL, 2011, p. 30).

Para darmos início às teorizações feministas, usaremos as obras de feministas clássicas abordando a emergência do gênero<sup>6</sup> e o surgimento do movimento feminista. Segundo CONNELL *apud* OLIVEIRA (2002) as transformações e discussões sobre gênero ocorreram ao longo da história em quatro períodos distintos:

1) de 1860 a 1920, com advento da ciência moderna e o movimento sufragista; 2) de 1920 a 1955, com o nascimento da psicanálise, o interesse da antropologia sobre o assunto e a emergência do conceito de papéis sociais; 3) de 1965 a 1980, com a teoria do patriarcado e a revolução feminista e 4) de 1980 em diante, com a “era da diversidade” e as teorias feministas pós- estruturalistas” OLIVEIRA, OLIVEIRA E MIRANDA, 2012, p. 112).

Louro situa que o movimento Feminista é um movimento social do século XIX, do Ocidente e ligado estritamente à luta das mulheres para superar o patriarcado e pautar as relações de gênero. Sendo o início do movimento dividido por fases, que iremos conceituar aqui como “ondas” como nos fala Louro:

Como uma amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais, (ainda que com força e resultados desiguais), o sufragismo passou a ser reconhecido, posteriormente, como a “primeira onda” do feminismo (...)

Será no desdobramento da assim denominada “segunda onda” – aquela que se inicia no final da década de 1960- que o feminismo, além das preocupações sociais e políticas, irá se voltar para as construções propriamente teóricas (LOURO, 1997, p. 15).

Na primeira onda, conhecida como sufragismo, as mulheres pautavam o direito do voto em eleições políticas, pautavam também o direito de exercer profissões restritas apenas aos homens e reivindicavam os estudos como suporte de uma vida digna. As mulheres que estavam à frente do sufragismo<sup>7</sup> eram mulheres brancas e de classe média. Sendo essas pautas negligenciadas em alguns momentos. Já na segunda onda, o conceito de gênero será o grande combustível das estudiosas acadêmicas e as questões sociais e políticas será o grande trunfo das militantes. É também no ano de 1968 que os novos movimentos sociais surgem com suas pautas políticas e sociais. Negando o modelo de sociedade patriarcal e burguesa, reivindicando uma sociedade sem

---

<sup>6</sup> Gênero é um construto analítico usado para explicar as relações sociais entre pessoas de diferentes sexos e orientações sexuais, assim como a variedade de sentidos atribuídos a essas diferenças, que ocorrem nas várias culturas e diversas sociedades (GALINKIN E ISMAEL, 2011, p. 1).

<sup>7</sup> No ano passado, 2015, a tela dos cinemas retrataram o drama vivido pelas mulheres sufragistas no final do século XIX e início do século XX, na Inglaterra. O filme teve a direção de Sarah Gavron, lançado no dia 24 de dezembro de 2015. O longa retrata como as mulheres lutaram pela dignidade e opressão diária que recebiam em suas seus núcleos familiares e no trabalho. Analisamos que o momento em que o filme vai para as telas de cinema, um grande avanço acontece na luta das mulheres pelo fim do machismo. Fazer esse resgate histórico prova que nossa sociedade está abrindo os olhos para as pautas feministas, silenciadas e negadas pela cultura áudio visual.

segregação e sem discriminação. Os/as protagonistas que se rebelaram contra o sistema foram negros e negras, gays, lésbicas e travestis, jovens e mulheres. O cenário de contra cultura se instaura e o amor e a liberdade será o combustível dessa nova geração de movimentos sociais de identidade. Segundo Lage:

Foi a partir dos anos 1960, que a maioria dos países do ocidente vivenciou importantes movimentos sociais da forma como hoje conhecemos, tais como movimento estudantil, movimento pelos direitos civis, movimentos pela libertação nacional, como a maioria dos países da África ou contra a ditadura, como os países da América Latina, até mesmo porque o cenário político de ditadura e lutas coloniais nos países desses continente exigiam uma resposta política por parte da sociedade civil organizada para superar, quer seja o colonialismo, quer seja os regimes ditatoriais (LAGE, 2013. p. 23).

Com o protagonismo da sociedade civil fazendo alarde por todo o ocidente, o movimento feminista ganha mais força para pautar suas lutas e um novo campo de pesquisa surge: os estudos da mulher. Com publicações em jornais, revistas e livros de literatura e acadêmicos, as mulheres pesquisadoras começam a questionar a ciência hegemônica, retirando-as da subalternização. Como nos diz Louro:

Algumas obras hoje clássicas- como, por exemplo, *Le deuxième sexe*, de Simone Beauvoir (1949), *The feminine mystique*, de Betty Friedmam (1963), *sexual politics*, de Kate Millet (1969) – marcam esse novo momento. Militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam, impregnando e “contaminando” o seu fazer intelectual – como estudiosas, docentes, pesquisadoras – com a paixão política (LOURO. 1997, p. 16).

Diante dessas transformações radicais, o movimento feminista passa a desnaturalizar o papel feminino na sociedade, tornando-a visível e negando os discursos que a colocaram na esfera do privado e do lar. Porém, algumas mulheres ainda estavam presas ao modelo patriarcal, mesmo quando elas conquistavam os lugares das fábricas e lavouras, inseridas nesta dinâmica uma dupla jornada de trabalho, e rigidamente controladas pelos homens. Diante das contribuições dos movimentos Feministas e do movimento LGBT, as políticas em âmbitos governamentais também passam a pautar em sua gestão políticas de enfrentamento à discriminação e preconceito.

No nosso contexto governamental Brasileiro, as políticas de combate à discriminação e preconceito começam a emergir graças ao movimento LGBT Brasileiro. Esse movimento social irá pautar a criação da política LGBT no governo Federal. Uma das conquistas do movimento LGBT foi o Programa Brasil sem Homofobia, que em 2004, na gestão do presidente Lula cria-se uma série de ações de

combate à homofobia. Lançado pela Secretaria Especial de Direitos Humanos, o programa consiste em 53 ações, uma delas seria o apoio à projetos de fortalecimento de instituições pública e não-governamentais que atuam na promoção da cidadania homossexual ou no combate à LGBTfobia. Sob o olhar de Sílvia Ramos, o programa Brasil sem Homofobia:

A pergunta é: como um programa denominado Brasil sem Homofobia: combate a violência e à discriminação e promoção à cidadania pode torna-se uma alavanca para a nova década, mais do que uma reiteração definitiva da vitimização covarde que predomina nos anos 90? Algumas pistas, talvez, estejam-nos próprios dados da violência aproximar o “movimento homossexual” travestis e transgêneros que possam falar de violência e discriminação na primeira pessoa, que possam discursar essas dinâmicas e indicar saídas e políticas parecer uma necessidade urgente (RAMOS, 2005, p. 42 e 43).

Mesmo recebendo críticas por partes de alguns setores conservadores da sociedade, o projeto deu voz e vez a ONGs e Coletivos que trabalhavam com o tema de diversidade sexual em diversas instancias sociais. E ancorados nos processos de institucionalização e participação social, desde de 2008 o movimento LGBT avança em busca de visibilidade e políticas públicas. Como podemos observar nesse quadro síntese das ações governamentais em âmbito federal conquistado pelo movimento LGBT.

| <b>Ano de execução</b> | <b>Ações governamentais</b>                                                                                                                                                                                                                     |
|------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 2008                   | Convocação da I Conferência Nacional de Gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais (GLBT usando na época), convocada por Decreto Presidencial, criando um marco na elaboração e construção da política pública para com o público LGBT |
| 2009                   | Com os frutos da conferência LGBT é criado um plano com 51 diretrizes e 180 ações de combate a homofobia.                                                                                                                                       |
| 2011                   | A presidente Dilma convoca a II Conferência Nacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, com o objetivo maior de estudar e avaliar o                                                                                        |

|                   |                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                   | plano criado na I Conferência Nacional LGBT                                                                                                                                                                                                               |
| 2011, 2012 e 2013 | Lançado o relatório de violência LGBTfóbica no Brasil que contém o mapeamento da violência homofóbica em todo Brasil, sendo necessário e urgente a implementação e execução de políticas públicas em prol do combate à violência contra a população LGBT. |
| 2016              | É convocada a III Conferência Nacional de Políticas Públicas de Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, travestis e transexuais, com o objetivo de criminalizar a violência LGBTfóbica no Brasil                                                  |

**TABELA 1-** Quadro de ações em âmbito governamental para o público LGBT

Iniciativas como essa fortalecem o público LGBT e ações de mais visibilidade e compromisso fazem com que a sociedade nos enxergue como sujeitos de direitos e legítimos de nossas causas. Porém, a escola, espaço privilegiado dos saberes, se encontra ainda como lugar de desprezo e violência para com o público LGBT. As escolas se vestem de uma postura colonizada, dentro de modelos hegemônicos e excludentes de perfis e identidades. Nas quais define as que são sadias e normais (as relações heteronormativas), e as que são anormais (relações homossexuais e transexuais) como nos aponta Lage:

O desafio da descolonização começa pelo questionamento da ideia de igualdades e de diferença que, no modelo hegemônico se apresentam fundamentalmente ancoradas na ideia de hierarquias. A construção cultural acerca das subjetividades subalternas encontra terreno fértil para naturalizar diferenças biológicas em diferenças sociais, condenando a diversidade humana ao cerceamento das suas possibilidades para a procura de um padrão único. Assim, o caminho para a igualdade é defendido, não apenas pela via da equidade, mas também pela via da homogeneização de subjetividades e práticas sociais (LAGE, 2013, p. 102).

Como educadores/as, pesquisadores/as e cidadãos, temos o desafio de romper com esse modelo patriarcal de sociedade e pautar a descolonização em nosso cotidiano bem como nossas práticas,

É com esse desejo de desconstrução e afirmação das identidades plurais, no combate a LGBTfobia<sup>8</sup> e ao sexismo<sup>9</sup>, que o nosso problema de pesquisa questiona: Quais os principais enfrentamentos dos professores homossexuais na escola com relação à LGBTfobia? Justificamos nossa argumentação na instituição da homossexualidade como um elemento identitário erroneamente compreendido e silenciado pela sociedade. Outro aspecto é que os avanços sociais provocados pela luta do Movimento LGBT tem tido pouca repercussão nas escolas, levando em consideração que esta é uma das principais instituições sociais que veiculam ideias e práticas sexistas. É comum depararmos com situações preconceituosas relacionadas às manifestações da sexualidade no interior da escola. E mais mascarado quando o próprio professor dá visibilidade a sua identidade homossexual perante a comunidade escolar, onde a própria escola está ligada sempre na construção das desigualdades, da LGBTfobia e do sexismo.

Nossas fundamentações teórico-metodológicas estão baseadas em diversos autores/as que estudam a diversidade sexual e educação, sendo integrantes de duas correntes teóricas: a teoria *Queer* e os estudos feministas. Diante dessas epistemologias, nos basearemos em suas problematizações para questionar os modelos excludentes e hegemônicos das escolas pesquisadas, diante dos enfrentamentos que os professores combatem diante de sua identidade homossexual. Acreditamos que as contribuições teóricas, nos auxiliarão a responder o problema levantado por essa pesquisa, como também outros problemas sociais dentro do campo da educação que passam por processos simbólicos e culturais de negação das identidades plurais, dentro e fora do espaço escolar. A pedagogia *Queer* está mudando o cenário escolar, como nos fala Oliveira, Oliveira e Miranda:

Há algumas décadas pesquisadores/as e ativistas de movimentos sociais ligados ao segmento feministas e LGBT denunciam que os

---

<sup>8</sup> Intolerância, preconceito e discriminação contra pessoas por conta de sua orientação sexual e identidade de gênero presumidas. A LGBTfobia pode ser manifestada de forma sutil ou explícita. Apesar da constituição Federal não contemplar a orientação sexual entre as formas de discriminação, já existe a proibição de discriminação por orientação sexual em três Constituições Estaduais (Mato Grosso, Sergipe e Pará) e legislação específica em mais cinco estados (RJ, SC, MG, SP e RS) No Distrito Federal e em mais de oitenta municípios Brasileiros existe algum tipo de lei que contempla a proteção dos Direitos humanos de LGBTs e o combate à discriminação por orientação sexual.

<sup>9</sup> Discriminação em relação às pessoas de outro sexo, notadamente do outro gênero social, legitimando a violência contra as mulheres e todos aqueles que, em determinadas circunstâncias, são reconhecidos como tendo uma posição feminilizada. Mantido por um pensamento essencialista (SMIGAY, 2002, p. 35).

currículos e práticas pedagógicas tem privilegiado o modelo heterossexual de identidade, família e afetividade, excluindo qualquer outro tipo manifestação que fuja a esse padrão. Pesquisas ancoradas em perspectivas *queers* tem analisado os dispositivos da sexualidade presentes na educação escolar e revelado que essa instituição, historicamente, tem se constituído num terreno de heteronormatividade, porém, ainda que lentamente, está se transformando num espaço de resistência, onde vozes, antes silenciadas, começam a ser ouvidas e reconhecidas (OLIVEIRA, OLIVEIRA e MIRANDA, 2012, p. 120).

Como também os estudos feministas latino-americanos nos falam no cenário histórico que a escola foi inserida. Segundo Lage:

A escola foi se construindo como lugar seguro da educação, pois nesta cabia o controle político do que deveria ser o projeto educativo tanto das classes dominantes quanto da classe trabalhadora. Desenhada num formato que garantisse a reprodução do pensamento das elites conservadoras por um lado e, pelo outro lado uma educação de massa e na resignação dos destinos subalternos, a escola foi se consolidando como um lugar da hegemonia (LAGE, 2013, p. 124).

Fundamentados nessas compreensões teóricas, procuramos responder as nossas problematizações com a indagação de compreender os fenômenos que estão por trás das cenas excludentes da homossexualidade dos professores na escola, bem como a ausência de temáticas como diversidade sexual e educação. O objetivo geral de nossa pesquisa é estudar os principais enfrentamentos dos professores homossexuais na escola com relação à LGBTfobia. Assim, elencamos enquanto objetivos específicos: 1) Sistematizar os principais argumentos sexistas e LGBTfóbicos presentes na escola referente a diversidade sexual; 2) Levantar as principais questões decorrentes da LGBTfobia que os/as professores/as homossexuais enfrentam em seu cotidiano; e 3) Apontar os principais fundamentos de uma educação não- sexista.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 Diversidade Sexual

À escola foi dada a função do ensino, logo, o lugar da educação. E como todo sistema de sociedade, a escola também foi, e é até hoje um ambiente de divisão de classes. As elites ficavam com um projeto educativo voltado para a perpetuação de sua dominação e a classe trabalhadora ficava em situação de subalternização<sup>10</sup> e alienação do conhecimento. Como nos fala Lage “a escola foi se consolidando como um lugar da hegemonia” (LAGE, 2013, p. 124). E o conceito de hegemonia<sup>11</sup> aqui usado teoricamente por Gramsci (1981) revela o quanto a elite, de várias formas, usa o seu privilégio e poder para impor o que a massa deve ou não construir enquanto reprodução cultural e educacional. E esse controle político e moral afeta diretamente a liberdade dos corpos, o sexo, as classes sociais, bem como a orientação sexual/identidade de gênero dos sujeitos pertencentes a sociedade e o ambiente escolar. Nessa direção, a diversidade sexual passa a ser um instrumento de luta e prática pedagógica de grupos e movimentos ditos como minorias sexuais, visando a libertação e o respeito com as diferenças. Como nos alerta Joca:

A escola sempre foi, e ainda o é, conduzida por princípios, valores e atitudes marcadoras de desigualdades de gênero, de classe, de raça/etnia e de orientação sexual. Talvez, por isso, durante muito tempo, a educação brasileira, focada na ênfase ao ensino propedêutico, omitiu-se, negou-se a inserir nos currículos, nas formações (inicial e continuada) de educadores(a)s, nos livros didáticos, e nos demais campos de atuação da educação, as temáticas relacionadas à diversidade cultural. Esta omissão findou por legitimar a hegemonia heteronormativa e essencialista da sexualidade, afirmando a escola enquanto o não- lugar para as pessoas LGBT (JOCA, 2011, p. 13).

Os grupos LGBT dentro das escolas brasileiras sofrem cotidianamente preconceitos e discriminações, por conta de sua orientação sexual ou identidade de gênero que fogem da ótica heteronormativa, vivenciando um ciclo de violência psicológica e física, no qual denominamos de LGBTfobia. Onde esses processos de invisibilidade reforçam a matriz heterossexual da sociedade e colocam os sujeitos LGBTs à margem da educação e dos processos sociais democráticos.

---

<sup>10</sup> As identidades subalternas são sempre derivadas e correspondem a situações em que o poder de declarar a diferença se combina com o poder para resistir ao poder que a define inferior. **Sem resistência** não há identidade subalterna, há apenas subalternidades (SANTOS, 2002, p. 46 e 47).

<sup>11</sup> Direção intelectual e moral de uma classe sobre todas as outras (LAGE, 2013, p. 124).

E como ferramenta para desestabilizar e subverter a LGBTfobia das escolas, nós, pedagogos/as e educadores sociais devemos fazer da diversidade sexual nossa ferramenta pedagógica, trazendo novas possibilidades didáticas, como nos fala Furlani, 2013:

Na escola, o currículo, as disciplinas as normas regimentais, as formas de avaliação, os materiais didáticos, a linguagem, constituem-se em instâncias que refletem e produzem as desigualdades de gênero, de sexo, de raça, etc., e podem incentivar o preconceito, a discriminação, o sexismo (...)

Portando, a escolha das palavras, por nós, educadores(a)s, não é um processo neutro, sem implicações. Referir-se a meninos e meninas ou a homens e mulheres, sempre na forma masculina, independente da proporção numérica, longe de parecer um ato inofensivo – aprisionado na comodidade da norma instituída – favorece a manutenção de uma tácita “superioridade” de um gênero sobre o outro e invisibiliza a menina, a garota, a mulher a idosa (FURLANI, 2013, p. 70 e 71).

Portando, desconstruir as linguagens normativas que excluem as identidades LGBTs da escola vai se configurando como uma postura política do/a professor/a e da gestão escolar. Possibilitando maior abertura para as diferenças e consolidando uma educação em Direitos Humanos para todas/os. Mas infelizmente encontramos no nosso cenário da educação básica e do ensino médio o silenciamento das discursões de gênero e diversidade sexual, mesmo que os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) de 1997 viabilizem a inserção nos tópicos intitulados “pluralidade cultural” e “orientação Sexual”, apesar de trazer o debate sobre identidade de gênero e diversidade sexual, não há uma obrigatoriedade dessas temáticas na escola.

As ausências para não obrigatoriedade da discussão da diversidade sexual nas escolas vão de início à inexistência de livros didáticos e paradidáticos, bem como a falta de formação continuada de professores/as nos temas, e a mais perversa desse ciclo é a escola se pautar numa heterossexualidade compulsória, se moldando de questões morais e cristãs para uma omissão das identidades LGBTs. Diante desses percalços, a intencionalidade política do/a professor frente a esses desafios será uma verdadeira *via crucis*, pois romper com a norma heteronormativa dos espaços escolares é delimitar espaços e jogos de poder. Segundo Joca e Miranda:

Torna-se necessário, nesse momento, que nós, educadores e educadoras, passemos a questionar nossas práticas e atitudes, muitas vezes naturalizadas no cotidiano escolar; a duvidar, questionar e problematizar algumas “verdades” sobre as sexualidades e gênero. Não há dúvida que esse exercício exige de nós a disponibilidade para a mudança, a reconstrução de valores e princípios, a disponibilidade para olhar o outro e a nós mesmos a partir de outras perspectivas, vislumbrando outras possibilidades de ser e estar no mundo (JOCA, 2013, p. 19).

A escola reproduz as noções hegemônicas de corpo (macho e fêmea), de gênero (masculino e feminino), e de sexualidade (heterossexual e homossexual), - reforçando a heteronormatividade (compulsória e normativa) – estabelecendo “normalidade” e “anormalidades”; ao mesmo tempo em que pode criar condições para desconstruir essas noções hegemônicas ratificando uma pedagogia *queer* (MIRANDA, 2014, p. 4).

É dentro dessa perspectiva de atuação que a escola deve atuar, permitindo conhecer o outro, que outrora era “incomum” e “esquisito” para agora conhecer suas demandas e especificidades, combater os preconceitos e ancorar uma educação pautada nos Direitos Humanos. É também dentro dessas transformações educacionais, que as experiências e luta dos movimentos sociais vão se fazer presente. Segundo Lage:

As experiências de educação produzidas no interior dos movimentos sociais traz intrínseca a concepção do aprender político, que restitui a humanização perdida pelas ausências de cidadanias. Compreender a educação como um fenômeno humano produzido em situações sociais e históricas, dentro de um processo de conquista e elaborações sociais de significados, nos permite olhar com muita atenção às experiências de educação que vêm sendo produzidas no interior dos movimentos sociais (LAGE, 2013, p. 128).

Os movimentos sociais serão os grandes responsáveis pela politização dos sujeitos que se encontram subalternizados pela grande elite, transformando a luta individual em luta coletiva, criando demandas coletivas e demandas específicas, como no caso do movimento LGBT e do Movimento Feminista. Onde as pautas por uma nova abordagem de educação terá as bandeiras de visibilidade das identidades ditas transgressoras, do caráter igualitário nas relações de gênero e de uma educação pautada nos saberes populares e novas subjetividades.

## 1.2 LGBTfobia

Os homossexuais no início da década de 70 começam a reivindicar uma identidade homossexual, por uma construção de uma política de afirmação da identidade gay e lésbica. Louro e Foucault nos traz “a homossexualidade e o sujeito homossexual” como invenções do século XIX. Pois, antes as práticas homoeróticas eram tidas como Sodomia<sup>12</sup> e em meados do século passaria a ser um desvio de norma e de prática sexual; sendo sujeitados a todo tipo de estigma social. Houve resistências, e muitas mulheres e homens homossexuais iam de contra a norma heteronormativa e ousavam

---

<sup>12</sup> Ato sexual anal, entre homens e mulheres, e/ou entre os homossexuais.

viver suas práticas e desejos. Foucault situa a diferença histórica da identidade do sujeito homossexual com a prática da sodomia, descrevendo que:

[...] a sdomia- dos antigos direitos civis ou canônicos- era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu jurídico. O homossexual do século XIX não passava de um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todos as suas condutas, já que ela é um segredo insidioso e infinitamente ativo das mesmas, inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É –lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular. (FOUCAULT, 1993, p. 43 e 44).

Foucault discursa que ao se estabelecer relações binárias e identidades permanentes, a sexualidade se adapta a organização social do Ocidente. Onde saber e poder serão pares inseparáveis. Com as contribuições teóricas de Foucault, o movimento homossexual também ganha força a partir das contribuições dos movimentos de Negros/as e o Feminista, pouco a pouco construindo uma identidade atravessada por discussões de classe, raça e etnia. Como nos fala LOURO:

Ao final dos anos 70, a política gay e lésbica abandonava o modelo que pretendia a libertação através da transformação do sistema e se encaminhava para um modelo que poderia ser chamado de ‘étnico’. Gays e lésbicas eram representados como “um grupo minoritário, igual mas diferente”; um grupo que buscava alcançar igualdades de direito no interior da ordem existe. Afirmava-se, discursiva e praticamente, uma identidade homossexual (LOURO, 2001, p. 543).

E essa afirmação de identidade demarca de vez os limites impostos sobre as lésbicas e os gays, instaurando na comunidade a questão política e pessoal de assumir a sua homossexualidade e enfrentar os discursos intolerantes e discriminatórios. No Brasil, grandes artistas contribuíram para descaracterizar os papéis de gênero, como o cantor Ney Matogrosso e os Dzi Croquettes<sup>13</sup>, onde provocavam a sociedade brasileira com suas performances ousadas, provocando no país o debate sobre política e sexualidade. É criada também por grandes artistas e escritores a edição de um jornal voltado ao público gay e lésbico o “lâmpião da esquina<sup>14</sup>” com matérias e entrevistas polêmicas e indicações culturais para o público da revista. Tudo feito de forma

<sup>13</sup> Dzi Croquettes é um grupo de teatro e dança de importância histórica para o Brasil. O nome do grupo foi utilizado como título para filme documentário brasileiro de 2009 sobre os mesmos, dirigido por Tatiana Issa & Raphael Alvarez.

<sup>14</sup> Grandes publicações destinadas ao público homossexual no Brasil. Ele circulou de 1978 a 1981 e abriu caminho para uma nova imprensa homossexual brasileira no país (JAMIL, 2011, p. 38).

clandestina. A acadêmica também começa a estudar o “fenômeno da homossexualidade” a partir das teorizações de Foucault, como também SEIDMAN Apud LOURO (1995) cita um “fazer da homossexualidade um tópico de suas pesquisas teorizações”. Sem perder a discussão central da identidade e suas transversalidades com o cenário ocidental. Identidade esta que será questionada dentro da teoria *queer*.

Entrando na década de 1980, a aparecimento da Aids coloca os homossexuais como reprodutores do vírus HIV, instaurando na sociedade o estigma de “câncer gay” aos homossexuais e suas práticas sexuais. A exclusão, a barbárie e a intolerância fez com que mais uma vez os homossexuais fossem jogados a mercê da sociedade. Outro ponto que encontramos nessa narrativa de dor, é o fato da sociedade não mais pautar a identidade homossexual como reprodutora do vírus, mas buscar nas práticas sexuais uma forma de reduzir os danos causados pela aids. Viu-se que não só a classe homossexual estava doente como também os não- homossexuais. As políticas de saúde começam a reforçar campanhas de sexo seguro para todos e todas.

No Brasil, nas décadas de 1980/90, diante de epidemia, buscou-se em instancias governamentais como a Educação e a Cultura trazer o debate da sexualidade e da homossexualidade como forma de prevenir a Aids. O MEC inclui a temática da sexualidade em temas transversais nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), porém, os temas seguiam um modelo de higienização em clima de ameaça às práticas homossexuais. O movimento multiplica-se, e a vitória pela despatologização da homossexualidade é celebrada no mundo todo.

Lembrando que no Brasil a homossexualidade nunca foi tipificada como um crime, porém a ala da medicina se encarregou de nos colocar como “pessoas aptas à cura”. A medicina, a psiquiatria e a psicologia nos aterrorizou durante décadas. E a vitória da retirada do CID<sup>15</sup> fez com que as variadas instancias de sociedade nos enxergassem como sujeitos e corpos políticos.

Já em posse de uma identidade homossexual, os/as ativistas gays e lésbicas subvertem em todo mundo as fronteiras das dicotomias de homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual; em uma permanente luta por reconhecimento e legitimação de sua identidade. A identidade gay e lésbica entrava também em uma crise. E a academia avança seus estudos em uma nova onda do

---

<sup>15</sup> Publicada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, conhecida pela sigla CID é um documento que estabelece códigos relativos à classificação de doenças, seus sinais, sintomas (JAMIL, 2011, p. 40).

movimento homossexual. Uma onda que pautava questões de identidade e pós identidade<sup>16</sup>. Trazendo à tona um novo debate e uma nova teoria. A teoria dos corpos inacabados, de uma vida abjeta, a vanguarda da teoria *Queer* surge. Nas contribuições de Vieira, 2013, os estudos *Queer*:

Problematizam a construção e a desconstrução dos corpos sexuais e a reprodução de si olhando para experiências que não estavam de acordo com as compreensões de gênero tradicionalmente pensadas por feministas, como o caso de transexuais, *drag queens*, *drag kings*, travestis, bissexuais, e outras identidades transgressoras dos gêneros tidos como os concebem o feminismo e outros campos de estudos: predeterminados biologicamente, heterossexuais, binários e estáveis (VIEIRA, 2013, p. 38).

Como prática subalternizada, os homossexuais são hierarquizados como subcidadãos (PRADO; MACHADO, 2008) e o ambiente escolar como lugar de intolerância e discriminação. Todo esse estigma e preconceito para com os dissidentes sexuais<sup>17</sup> gera uma das mais brutais formas de violência: a homofobia. (LGBTfobia) O termo homofobia foi usado na década de 1960, pela ala da psiquiatria, que desenhava a homossexualidade como desvio da norma social (a heterossexual) e também é nesse período que a homofobia é percebida como fenômeno de grande violência para aqueles que se assumiam homossexual. O campo da psicologia como o da sociologia irão trazer grandes contribuições para o enfrentamento da violência LGBTfóbica. A abordagem psicológica da homofobia, segundo Junqueira (2009) pode ser dividida em dois grandes grupos: a abordagem do bode expiatório e a abordagem da teoria projecionista:

As abordagens psicológicas, em síntese, buscam na dinâmica interior do indivíduo as raízes do preconceito. O primeiro pode ser nomeado como “teorias do bode expiatório”. Diante da frustração, os indivíduos procuram identificar culpados e causadores da situação que lhes causa mal estar, donde a eleição de certos indivíduos e grupos para esse lugar.

O segundo grupo, por sua vez pode ser indicado como “teoria projecionista”. Os indivíduos, em conflito interno, tentam solucioná-lo, mediante sua projeção parcial ou completa, em determinados indivíduos e grupos, razão pela qual lhes destinam tratamento desfavorável, chegando às raízes da violência física, capaz de alcançar até a pura e simples eliminação (JUNQUEIRA, 2009, p. 55).

As contribuições da abordagem psicológica colocam a homofobia no interior dos indivíduos como sendo uma percepção negativa de sua homossexualidade e de seus

<sup>16</sup> Para uma análise sobre a disputa identidade x *queers*, ver a dissertação de mestrado de Rafael Vieira, 2013).

<sup>17</sup> Transgressões das fronteiras femininas e masculinas.

sentimentos. Já a abordagem sociológica para LACERDA, PEREIRA E CAMINO apud JUNQUEIRA (2002) seria uma:

(...) relação intergrupar onde, no quadro específico das relações de poder entre os grupos, desenvolvem-se e expressam-se atitudes negativas e depreciativas além de comportamentos hostis e discriminatórios em relação aos membros de um grupo por pertencerem a esse grupo (JUNQUEIRA, 2009, p. 56).

A abordagem sociológica analisa os estereótipos que decaem sobre os homossexuais. Esses mecanismos de preconceito abordam a relação homoafetiva<sup>18</sup> como desviante da norma estabelecida, a heterossexual, e a desaprovação dos papeis de gênero que subvertem os pares dicotômicos (um exemplo seria uma mulher transexual namorando um gay ou um homen trans namorando uma lésbica). E é no interior da escola que as práticas LGBTfóbicas são pautadas e ressignificadas todos os dias. Segundo Borrillo, um dos maiores teóricos de Diversidade sexual, a homofobia:

É um fenômeno complexo e variado que pode ser percebido nas piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo afeminado, mas ela pode também assumir formas mais brutais, chegando até a vontade de extermínio, como foi o caso na Alemanha Nazista. À semelhança de qualquer forma de exclusão, a homofobia não se limita a constatar uma diferença: ela a interpreta e tira suas conclusões materiais. Assim, se o homossexual é culpado do pecado, sua condenação aparece como necessária (BORRILLO, 2010, p. 16).

A LGBTfobia, como violência de ódio, ceifa vidas todos os dias, segundo dados empíricos do Grupo Gay da Bahia<sup>19</sup> de janeiro até junho de 2016 foram assassinados mais de 100 LGBTs em razão de sua identidade de gênero ou orientação sexual e em apenas 16 dias de 2016, mais de 50 mulheres trans e travestis foram brutalmente assassinadas. E recentemente, na cidade de Orlando, nos EUA uma boate LGBT sofreu um ataque terrorista de cunho LGBTfóbico, onde mais de 50 pessoas LGBTs e simpatizantes morreram e 50 ficaram feridas. Esse é o cenário de ódio que vivenciamos todos os dias.

### 1.3 Educação não-sexista

Ancorados numa abordagem feminista, os fundamentos de uma educação não-sexista será nosso percurso teórico e metodológico nesta categoria. Com base em teóricas/os e estudiosas/os de gênero e Diversidade sexual, bem como os estudos *Queer*.

<sup>18</sup> O termo homoafetivo foi criado para diminuir a conotação pejorativa que se dava aos relacionamentos homossexuais, e tornou-se uma expressão jurídica para tratar do direito relacionado a união de casais do mesmo sexo.

<sup>19</sup> (www.ggb.org.br).

As mulheres feministas começam a introduzir os estudos da mulher nas várias ciências, trazendo ao debate características universalizantes femininas, denunciando sua invisibilidade e criando guetos para reescrever a história e “até pretensões mais ambiciosas de “subversão dos paradigmas teóricos vigentes” (LOURO, 1997, p. 18). As pesquisadoras feministas denunciavam a neutralidade da ciência, assumindo uma subversão ao escrever e a interpelar os discursos machistas. Os estudos feministas, assim como outros campos do conhecimento possuem como objetivos, segundo Louro:

Objetividade e neutralidade, distanciamento e isenção, que haviam se constituído, convencionalmente, em condições indispensáveis para o fazer acadêmico, eram problematizados, subvertidos, transgredidos. Pesquisas passavam a lançar mão, cada vez com mais desembaraço, de lembranças e de histórias de vida; de fontes iconográficas, de registros pessoais, de diários, cartas e romances (LOURO, 1997, p. 19).

Escreviam e denunciavam as violências simbólicas e físicas vivenciadas, e essa forma de objetividade deu voz e vez aquelas que antes eram silenciadas. Suas vidas, suas sexualidades, a família e seu cotidiano eram valiosos ao olhar subvertido das estudiosas feministas, pois nesse momento as mesmas terão que enfrentar os obstáculos da lógica androcêntrica<sup>20</sup>, que essencializa os papéis masculinos e femininos na sociedade, interpelando esses discursos, criando uma objetividade analítica conhecida como o “feminismo radical”.

O feminismo radical irá negar as explicações biologizantes dos corpos feminino e masculino. O grande embate nesse momento será em desnaturalizar o sexo e o gênero, e problematiza-los como distintos entre si. Indo contra aos pares dicotômicos (homem e mulher) que reforçam a matriz heterossexual da sociedade, negando as identidades sexuais e padronizando os corpos.

As mulheres lésbicas e bissexuais, assim como os gays e transgêneros irão confrontar a heteronormatividade, assumindo uma identidade fluída, transversalizando os corpos “construindo identidades sexuais e de gênero fora dos modelos de masculinidade e feminilidade e de relações afetivo-sexuais convencionais” (GALINKIN E ISMAEL, 2011, p. 6) Nesse cenário, gênero terá um caráter social, transformando o cenário dos estudos feminista, e as discussões terão um caráter de identidade. Pois, com as conquistas dos movimentos sociais de identidade (grupos étnicos, raciais, de classe e

---

<sup>20</sup> Postura segundo a qual todos os estudos, análises, investigações, narrações e propostas são enfocados a partir de uma perspectiva unicamente masculina, e tomadas como válidas para a generalidade dos seres humanos, tanto homens como mulheres (OLIVEIRA, 2004, p. 43).

sexuais) os estudos feministas juntamente com os estudos culturais entenderão “os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem até mesmo ser contraditórias (LOURO, 1997, p. 24).

O feminismo contemporâneo encontra suas tendências e especificidades no local onde está inserido e de onde surge sua investigação social sobre a situação das vidas das mulheres. Diante desse quadro de saberes localizados<sup>21</sup>, as epistemologias feministas latino americanas se encontram dentro desses processos, como nos orienta Alonso e Díaz (2012) apontando como revisar e debater as categorias de subalternização e colonização que outrora fora colocada às mulheres:

Producir colectivamente categorías que nos ayuden a comprender y transformar el presente; esto implica introducirnos en a) debates al interior del las teorías feministas y del movimiento feminista en América Latina, en torno a quiénes tienen privilegios epistémicos para anunciar problemas, caracterizar relaciones sociales, interpretar el presente y el pasado, presentar alternativas al orden social imperante; b) debates en torno a las teorías descoloniales y de los movimientos sociales, campesinos, indígenas y afrodescendientes en América Latina y las potencialidades para la investigación social que producen “desprendimientos” de las concepciones cualitativas normativas, incluso las provenientes de las teorías críticas (ALONSO E DÍAZ, 2012, p. 77).

É dentro desse cenário atual que os feminismos irão atuar, combatendo as colonizações do corpo, da linguagem e dos saberes, desnaturalizando a concepção de um feminismo universal (branco, heterossexual e de classe média), trazendo para o debate as intersecções e especificidades do lugar global e local da mulher. O feminismo latino americano será pautado nas experiências de vida das mulheres e suas identidades fluídas e mutáveis. Como no caso do feminismo Negro<sup>22</sup> e do transfeminismo<sup>23</sup>, que terão semelhanças e distanciamentos dentro da categoria mulher.

No interior das escolas, as relações de gêneros e o sexismo são pautados como pares dicotômicos, de um lado, o movimento feminista luta pela inclusão de temas e práticas pedagógicas que subvertam o patriarcado e a violência de gênero, do outro, o sexismo absorve seu caráter andocêntrico e transforma as salas de aula em lugares de divisão de gênero/sexo, colocando as mulheres em situação de subalternização. Um

<sup>21</sup> Para uma análise mais profunda ver Donna Haraway, 1995.

<sup>22</sup> É o feminismo negro que diz que as meninas e mulheres negras não precisam alisar seus cabelos para serem bonitas. É o feminismo negro que diz que uma garota de pele escura é bonita. Sem o feminismo negro, não teríamos divas pop como a Beyoncé, porque ela é negra (<http://blogueirasnegras.org/>).

<sup>23</sup> Para uma análise mais profunda ver <http://www.cinese.me/encontros/introducao-ao-transfeminismo-cissexismo>.

forte exemplo no cotidiano das salas de aulas é o currículo escolar, que ideologicamente escolhe o que deve e o que não deve ser ensinado. Como nos fala Silva:

O currículo oficial valoriza a separação entre sujeito e conhecimento, o domínio e o controle, a racionalidade e a lógica, a ciência e a técnica, o individualismo e a competição. Todas essas características refletem as experiências e os interesses masculinos, desvalorizando, em troca, as estreitas conexões entre quem conhece e o que é conhecido, a importância das ligações pessoais, a intuição e o pensamento divergente, as artes e a estética, o consumismo e a cooperação- características que estão, todas, ligadas às experiências e aos interesses das mulheres (SILVA, 2010, p. 94).

É dentro desse cenário de luta contra esses modelos de escola e currículo hegemônicos que os coletivos feministas ganham visibilidade e se transformam em uma “verdadeira reviravolta epistemológica” (SILVA, 2010, p. 94). Assumindo uma postura científica, social e pedagógica, na batalha contra o machismo e o patriarcado. Iniciado historicamente na segunda onda do feminismo, colocando as múltiplas mulheres (lésbicas, bissexuais, heterossexuais, negras, indígenas, camponesas, e etc.,) na luta pela igualdade e respeito nas diferenças. E é de avanços e causas que o movimento feminista vai se consolidando, como diz Lage:

As concepções feministas na luta avançaram na construção de novos imaginários sociais, onde a presença da mulher tem alcançados novos estatutos de visibilidade social, porém nos livros didáticos ainda estão em descompasso no que se refere à representação da mulher e do seu papel social (LAGE, 2013, p. 130).

Combatendo o patriarcado<sup>24</sup>, e criando novos arranjos sociais, as práticas educativas feministas (LOURO, 1997) entram nos processos pedagógicos das escolas, com o objetivo de combater o sexismo, criando politicamente uma educação não-sexista, pautada nos Direitos Humanos. A ancorados em Louro (1997) trazemos a seguir um quadro síntese de argumentos feministas para se trabalhar uma pedagogia libertadora de estereótipos de gênero:

#### Pedagogia Feminista

- Um conjunto de estratégias, procedimentos e disposições que devem romper com as relações hierárquicas presentes nas salas de aula tradicionais (p. 113)
- Pretendem estimular a fala daquelas que tradicionalmente se veem condenadas ao silêncio, por não acreditarem que seus saberes possam ter alguma importância ou sentido (p. 114)
- A situação ensino/aprendizagem se transforma numa relação onde todos os personagens podem alternar, constantemente, suas posições, sem que nenhum sujeito (ou mais especificamente, sem que a/o

<sup>24</sup> Organização social de gênero autônoma, convivendo, de maneira subordinada, com as estruturas de classes sociais (SAFFIOTI, 1992, p. 194).

professor/a) detenha, a priori, uma experiência, um saber ou uma autoridade maior do que os demais (p. 114)

- Pretendem a “conscientização”, a “libertação”, ou a “transformação” dos sujeitos e da sociedade (p. 115)
- Pretendem interferir na dinâmica das escolas e universidades (transformando-a), elas se instalam e se exercitam nestes espaços, ou seja, elas são também, pedagogias institucionais (p. 116)

Como podemos perceber, as pedagogias feministas tem um caráter libertador, e fazem o jogo das relações de poder dentro e fora dos espaços escolares, colaborando direta e indiretamente com mulheres feministas ou investigadores pró-feministas, como no meu caso. E toda essa trama se configura e se relaciona para uma educação não-sexista. Em resumo, Louro, define de forma sistemática e objetiva as principais interferências que se possam alcançar de imediato para uma prática escolar não-sexista:

Subverter os arranjos tradicionais de gênero na sala de aula; inventado formas de dividir os grupos para os jogos ou para os trabalhos; promovendo discussões sobre as representações encontradas nos livros didáticos ou nos jornais, revistas e filmes consumidos pelas/os estudantes; investigando os grupos e os sujeitos ausentes nos relatos da História oficial, nos textos literários, nos ‘modelos’ familiares; acolhendo no interior da sala de aula as culturas juvenis, especialmente em suas construções sobre gênero, sexualidade, etnia, etc. (LOURO, 1997, p. 124).

Diante dessas desconstruções de gênero, as identidades e pós identidades LGBT ganham mais visibilidade, e as pautas de gênero/sexo/sexualidade, identidade sexual e identidade de gênero serão os combustíveis sociais e teóricos para uma sociedade pautada na igualdade e no respeito; interseccionando dentro da escola e no âmbito governamental de políticas educacionais. Consolidar os movimentos feministas, de negros e negras, camponeses e LGBTs trazem para o campo da educação a luta política, as vidas que outrora eram negligenciadas, agora pautam-se dentro do terreno fértil da educação.

## 2. METODOLOGIA

### 2.1 Abordagem da pesquisa

Nossa pesquisa se deu pela abordagem da pesquisa qualitativa, por acreditarmos no seu caráter social dentro do universo das ciências humanas. E ao situar a abordagem qualitativa como abordagem social que não pode ser quantificado e classificado, como é comum nas ciências exatas, compreendemos que a realidade do campo social pesquisado tem seus aprofundamentos e significados. Segundo Lage:

A pesquisa qualitativa tem um viés que leva o investigador ao encontro de subjetividades que não conseguem se esconder, como acontece no universo da pesquisa quantitativa. As subjetividades afloram das regras e condicionamentos prévios, no contato, no diálogo e no confronto da realidade. Entender estas subjetividades e delas extrair novas compreensões requer metodologias claras, que possam admitir a diversidade de discursos, sentidos e sentimentos inéditos dos sujeitos de pesquisa em seus lugares de atuação (LAGE, 2013, p. 50).

Compreender os valores, os jogos sociais, as atitudes, os confrontos e as representações fazem da abordagem qualitativa um campo de experimentações reais, traçando novas descobertas e do fazer do universo pesquisado um campo fértil de novas descobertas e novas (re)elaborações de conhecimentos.

Minayo (2008, p. 26 e 27) discursa sobre um conjunto de procedimentos que fazem parte do trabalho científico ao se utilizar da abordagem qualitativa de pesquisa, que de maneira reduzida trazemos aqui e mais uma vez justificando nossa escolha por essa abordagem científica:

- A fase exploratória consiste na produção do projeto de pesquisa e de todos os procedimentos necessários para preparar a entrada no campo. É o tempo dedicado- e que merece empenho e investimento- a definir e delimitar o objeto, a desenvolvê-lo teoricamente e metodologicamente;
- O trabalho de campo consiste em levar para a prática empírica a construção teórica elaborada na primeira etapa. Essa fase combina instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados, levantamento de material documental e outros;
- Análise e tratamento do material empírico e documental, diz respeito ao conjunto de procedimentos para valorizar, compreender, interpretar os dados empíricos, articulá-los com teoria que fundamentou o projeto ou com outras leituras teóricas e interpretativas cuja necessidade foi dada pelo trabalho de campo.

Como Minayo (2008, p. 26 e 27) e Deslauriers (2008, p. 131) nos orientam, a abordagem qualitativa prevê uma investigação científica pautada nas significações e

subjetividades dos sujeitos e sua realidade social, com métodos e técnicas variadas que se assemelham também com as colaborações de Lage, pois segundo ela:

O caminho epistemológico para a (re)elaboração do conhecimento tem coerência e desdobramento que articulam todos os passos de uma pesquisa. Trata-se pois, de um caminho seguro que é marcado em primeiro lugar pela Problemática e do Objetivo Geral. A partir destes, o passo seguinte é apontar as principais dimensões do tema que contribuam objetivamente para aprofundar as reflexões propostas pelo Problema, de modo a se alcançar novas compreensões durante o exercício epistemológico da construção do saber científico. Em seguida, fazem-se os desdobramentos a partir destas dimensões que vão estruturar a pesquisa- da definição dos objetivos específicos até as categorias de análise. Completada essa costura epistemológica é possível se encaminhar para as conclusões (LAGE, 2013, p. 52 e 53).

A abordagem qualitativa, assim como outras existentes, fazem da ciência um campo novo de experimentações, e a cada passo que é dado, seu rigor científico ganha mais notoriedade dentro de outros modelos já existentes.

## **2.1 Tipos de estudo segundo os objetivos**

Dentro da nossa pesquisa, no que se refere aos objetivos, nos orientamos por tipos de pesquisa mais apropriados aos nossos propósitos. Nesse sentido, em relação ao objetivo primeiro no que diz respeito a “sistematizar os principais argumentos sexistas e LGBTfóbicos presentes na escola referente a diversidade sexual” utilizamos um tipo descritivo. No tocante do tipo de pesquisa descritiva:

As pesquisas descritivas tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (GIL, 2002, p. 42).

No segundo objetivo decidimos pelo tipo de pesquisa explicativo no objetivo narrativo que visa “levantar as principais questões decorrentes da LGBTfobia que os/as professores/as homossexuais enfrentam em seu cotidiano” optamos por esse tipo de estudo por que vai ao encontro com os sujeitos e sua realidade, explicando as aproximações e distanciamentos de suas narrativas ao confronto com a LGBTfobia. Segundo as contribuições de Gil:

Tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Esse é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, por que explica a razão, o porquê das coisas (GIL, 2002, p. 42).

Já o nosso terceiro e último objetivo pretende “apontar os principais fundamentos de uma educação não- sexista” onde optamos por usar a do tipo exploratório. A pesquisa exploratória segundo Gil:

Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descobertas de instituições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado (GIL, 2002, p. 41).

É dentro desse universo da pesquisa qualitativa que vamos trilhando nossa metodologia, revisando e (re)configurando os saberes científicos com as realidades e vivências dos sujeitos e suas subjetividades.

## 2.2 Método de pesquisa

Na pesquisa usamos o método do caso alargado que tem sua origem na antropologia cultural e social e foi desenvolvido pelo Sociólogo Boaventura de Sousa Santos (1983) no qual estudamos um caso isolado (uma realidade) e alargamos suas especificidades ao encontro de outros fatores que se unam ou não à casos não conhecidos. Dessa maneira, o método do caso alargado propõe que:

Em vez de reduzir os casos às variáveis que os normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar, com o máximo de detalhe descritivo, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente ou de único. A riqueza do caso não está no que nele é generalizável, mas na amplitude das incidências pela multiplicidade e profundidade das interações que os constituem (SANTOS, 1983, p. 11e 12).

Desta forma, para estudarmos os enfrentamentos dos/as professores homossexuais em relação à LGBTfobia precisamos de um campo empírico específico, caso contrário não seria possível dar conta de todas os confrontos que travam todos os dias nossos professores/as com identidade LGBT. Nesta pesquisa, estudamos as especificidades dos/as professores/as homossexuais residentes em Caruaru em confronto com à LGBTfobia.

A partir do estudo desse caso é possível, através do método do caso alargado, estender a outros campos contemplando, assim, a urgência do tema Diversidade Sexual nas escolas brasileiras como um todo. Segundo Lage:

Sendo assim, o Método do caso alargado propicia uma conclusão de maior profundidade sobre a investigação realizada, incidindo não apenas sobre os casos estudados- isoladamente ou comparados- mas porque oferece uma estrutura metodológica capaz de ampliar o espectro das reflexões, amplia o universo de questões importantes

relacionadas com o tema e presentes na sociedade (LAGE, 2013, p. 56).

E esse silenciamento das questões de gênero e diversidade sexual encontrada nas falas dos professores serve como alerta para nós, futuros pedagogos/as com identidade LGBT, como no meu caso particular, pois, ao tomarmos abertamente nossa orientação sexual/ ou identidade de gênero nas escolas/sala da aula, nossas decisões e posturas políticas serão fundamentais para combater mentalidades de opressão e subalternização de nossas identidades.

### **2.3 Delimitação e local da pesquisa**

Esta pesquisa foi delimitada em duas escolas públicas em Caruaru. Uma na rede Estadual, com estimativa de 1031 alunos, e 46 educadores. A escola da rede municipal possui uma estimativa de 700 alunos e 101 funcionários. Ambas as escolas se encontram em bairros periféricos da cidade. A escolha dessas duas escolas se justifica pela presença dos professores homossexuais em seu corpo escolar e pela sua militância em diferentes contextos políticos e sociais de Caruaru.

### **2.4 Fontes de informação**

Escolhemos para sujeitos de nossa pesquisa profissionais na área de educação e de diferentes formações, por viverem diferentes experiências e que contribuíssem de maneira ímpar com nosso trabalho. Ao entrarmos em contato com possíveis sujeitos da nossa pesquisa, fizemos um levantamento de 30 professores com identidade LGBT nas escolas públicas e privadas de Caruaru. Porém, pelo medo e estigma do preconceito e da discriminação no local de trabalho, apenas dois professores escolheram fazer parte dessa pesquisa. Nosso professor gay tem formação em ciências sociais e é militante de um movimento LGBT de Caruaru, o Coletivo LGBT “Lutas e Cores”. Nossa professora bissexual milita em grupos feministas e em mobilizações pela política e democracia. Estes professores serão renomeados como designamos aqui, para guardar suas identidades. É importante ressaltar que os professores de nossa pesquisa trabalham em bairros periféricos e sua identidade homossexual é tida como resistência em busca da “fuga do gueto” (LOURO, 2001, p. 540). Assim, os principais sujeitos desta pesquisa é

- Uma professora lésbica
- Um professor gay

Para preservar as identidades dos professores, usaremos os nomes Darcy Penteado<sup>25</sup> e Pagu<sup>26</sup> para designá-los. Outras fontes que investigamos, a partir de uma cuidadosa pesquisa bibliográfica, foram teóricos/as que fundamentam seus estudos nas áreas de gênero, sexualidade e educação, tanto em periódicos, como nos livros ou documentos, numa perspectiva pós-estruturalista.

## 2.5 Técnicas de coleta

Fizemos uso, como instrumento de coleta de dados as entrevistas não estruturadas (SANTOS, 1983, p. 12) com os docentes de nossa pesquisa. Justificamos também a entrevista como metodologia da pesquisa qualitativa (DESLAURIERS, 2008, p. 142). Para não impor de alguma maneira os sujeitos e não forçá-los a dar respostas ensaiadas definimos pela entrevista informal que tem o objetivo “menos estruturado possível e só se distingue da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados” (GIL, 2008, p. 111). De fato, a técnica de coletas de dados que usamos nos faz alargar o máximo as informações alusivas, e confrontar teorias com as narrativas empíricas das entrevistas para criarmos novos conhecimentos e saberes com a temática da diversidade sexual e a homossexualidade.

## 2.6 Análise e sistematização de dados

Nosso caminho metodológico buscou o método do caso alargado (SANTOS, 1983) para a análise das narrativas dos professores homossexuais no confronto com à LGBTfobia. Para Santos,

A riqueza do caso não está no que há nele de generalizável, mas na amplitude das incidências estruturadas que nele se denunciam pela multiplicidade e profundidade das interações que os constituem (SANTOS, 1983, p. 12).

Tomando nosso problema de pesquisa “Quais os principais enfrentamentos dos professores homossexuais na escola com relação à LGBTfobia”? Decidimos por sistematizar a pesquisa de campo em quatro categorias que apontam as interpretações e os aspectos discursivos para o amplo desenvolvimento de uma educação pautada na diversidade sexual; dentro de uma perspectiva não-sexista e no enfrentamento à LGBTfobia. Foram elas:

---

<sup>25</sup> Foi um dos maiores artista plástico, desenhista, gravador, cenógrafo, figurinista, literato, autor teatral e pioneiro militante dos movimentos LGBT brasileiro.

<sup>26</sup> Patrícia Rehder Galvão, conhecida pelo pseudônimo de Pagu, foi uma escritora, poeta, diretora de teatro, tradutora, desenhista, jornalista e militante feminista no cenário da política brasileira.

- I. Práticas docentes de enfrentamento da LGBTfobia;
- II. Militância/ativismo do/a professor/a para a diversidade sexual;
- III. Identidades afetivas/sexuais do/a professor/a;
- IV. Ações pedagógicas para uma educação não-sexista

Dessa forma, estamos construindo uma pesquisa de retidão metodológica encorajada num tratamento credível, exigido pelas ciências Humanas.

### **3. O CONTEXTO DOS PROFESSORES HOMOSSEXUAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE CARUARU**

#### **3.1 Práticas docentes de enfrentamento da LGBTfobia**

Ao analisarmos as instancias sociais que foram produzidos os sujeitos (família, escola religião, sociedade) nos cabe analisar, a partir das entrevistas narradas pelo professor gay e pela professora bissexual alguns fatos relativos à construção de suas práticas docentes. Afim de problematizarmos como a identidade homossexual do professor frente aos seus alunos colabora em uma prática pedagógica disposta ao enfrentamento da LGBTfobia.

Questionados sobre como a escola deve abordar o tema da diversidade sexual nas salas de aula e se o/a professor sente-se preparado para discutir tal tema em sua prática docente, os/as professores responderam:

Em todas as séries, porque há necessidade de abordar este tema (diversidade sexual) de forma pedagógica. E que precisa ser contextualizado e voltado para temas e fatos. Na prática pautando a diversidade e a igualdade das pessoas sem distinção. Com formações também contínuas (Professora Pagu, 35 anos).

A professora Pagu comenta que trabalhar de forma pedagógica os temas de diversidade sexual devem ser contextualizados dentro da escola e fora dela. De modo que a valorização e as especificidades das temáticas abarquem sempre a pauta e a formação continuada dos professores.

A escola deve assumir seu papel social de formar cidadãos críticos reflexivos sobre tudo pessoas humanizadas. O que não é uma tarefa fácil. Nessa perspectiva afim de garantir a todos/as o respeito e a cidadania é preciso assegurar o direito à educação inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, ou seja, uma educação respaldada nos marcos legais como a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), por exemplo, liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber.

Podemos observar na fala do professor o quanto é importante os temas de diversidade sexual sejam respaldados no âmbito das políticas educacionais, bem como sua obrigatoriedade e transversalidade dos direitos humanos. Onde ele também complementa:

Assim, penso que a Escola pode e deve promover espaços/momentos para dialogar e refletir sobre diversidade sexual na perspectiva de

problematizar “valores”, crenças, costumes...pré- existentes e acima de tudo trabalhar o respeito à pessoa humana e assegurar uma educação não sexista, antirracista e não lgbtfóbica. E no fazer da prática aprofundar a discussão na perspectiva do reconhecimento da diversidade sexual e a aluno como protagonista nos debates realizados em sala de aula, com temas de diversidade sexual, Direitos Humanos, Novos modelos de família, Gênero e sexualidade, Ética e Cidadania e lgbtfobia” (Professor Darcy Penteado, 34 anos).

As narrativas dos professores demonstram o quanto é urgente as discussões sobre diversidade sexual nas escolas, e como sua prática docente está verticalizada e politicamente inserida numa sociedade mais livre e igualitária. As políticas de educação que temos hoje enfrenta uma batalha com grupos conservadores que tentam impedir a entrada desses temas nas salas de aula, justificando (se realmente pode ser justificado) que a educação sexual irá ensinar as crianças e adolescentes a serem “homossexuais” e que temas como aborto podem ser tratados de forma livre e sobre a ótica da visão da mulher, não do Estado, nem da religião.

### **3.2 Militância/ativismo do/a professor/a para a diversidade sexual**

Nas narrativas dos nossos professores, a militância e o ativismo em coletivos sociais são profundos processos políticos e pedagógicos para o enfrentamento da LGBTfobia.

A partir de uma luta política engajada nos direitos humanos, questionamos nossos entrevistados para saber quais são os movimentos que fazem parte, perguntando quais são as maiores dificuldades dos movimentos que militam e como os processos educacionais podem contribuir para a luta no seu movimento:

Eu defendo os Direitos das Mulheres e do movimento Feminista. E as dificuldades são as mudanças na legislação, a participação real das mulheres nos espaços de poder e na política. Se a educação formal realmente tivesse essa preocupação, ou seja, se realmente fosse colocada para debater de forma igualitária, democrática e aberta para o diálogo de gênero haveria alguma contribuição (Professora Pagu, 35 anos).

A professora Pagu, como participante de um movimento feminista que pauta a igualdade nas relações de gênero, traz em sua fala a importância nas lutas sociais pelos direitos das mulheres e pelo direito de uma educação não-sexista. Encontramos o mesmo discurso na fala do Professor Darcy:

O movimento que faço parte luta pelo respeito a diversidade e a criminalização da homofobia. Como professor militante posso afirmar que a maior dificuldade é a resistência por parte de colegas

professor(a) que em sua maioria não reconhece a diversidade sexual como manifestação natural da pessoa humana. Já a contribuição é a escola assegurar uma educação laica que reconheça a diversidade sexual e repudie práticas lgbtfóbicas.

A luta política e identitária engrandecem os saberes formais do projeto político da escola, e a falta de conhecimento sobre esses movimentos ou até mesmo dos temas de diversidade sexual são cobrados também como marcadores de exclusão, como no exemplo que o professor Darcy nos traz sobre como os professores não tem formação continuada nesses temas específicos e como a escola ainda está pautada em um sistema arcaico de ensino. Como nos fala os/as professores:

Encontramos a resistência do trato das questões atreladas ao tema da diversidade sexual. Essa resistência ela se faz presente por alguns membros da equipe gestora e por professores(a) sobre tudo aqueles e aquelas com posturas extremamente conservadoras potencializadas pelos discursos religiosos que não reconhece o estado laico como também uma sociedade plural. Para nosso movimento. Acreditamos em modelo de educação efetivamente pública gratuita, democrática e principalmente um modelo de educação que contemple a formação plena do sujeito respaldado nos princípios de liberdade e igualdade de direitos. E as contribuições serão de conhecimento, reconhecimento e valorização da pessoa humana (Professor Darcy Penteado, 34 anos).

Todas as barreiras. Não há gestão democrática. Os gestores e coordenadores são indicações políticas e gestionam de acordo com o que os políticos pautam. A estrutura em si não fornece nenhum espaço democrático. Já esse “modelo” deveria ser construído de forma coletiva com o sindicato, secretaria de educação e corpo escolar (Professora Pagu, 35 anos).

Como podemos observar, algumas escolas brasileiras pautam-se ainda em posições político-partidárias para decidir o que deve e o que não se pode fazer na escola. Os movimentos sociais sabem dessas ameaças que vai de contra as proposições democráticas e igualitárias que as escolas laicas devem ter em seus projetos políticos.

### **3.3 Identidades afetivas/sexuais do/a professor/a**

Nossos professores além de atuarem numa perspectiva de direitos humanos em posse de suas salas de aula, também possuem suas identidades afetivas/sexuais como militância e resistência dentro e fora dos muros da escola. Perguntados como se deu a descoberta da homossexualidade e em que momento de suas vidas sentiu a necessidade de falar sobre:

Na puberdade o despertar do desejo e o interesse por homens. Revelei no segundo período da graduação eu me aceitei gay e me permiti ter um relacionamento com outro rapaz e a partir daí eu experimentei o sabor da liberdade e rejeição de amigos e colegas de trabalho (Professor Darcy Penteado, 34 anos).

Foi de maneira natural, num espaço noturno e diverso. Me declarei, para minha família, aos 30 anos (Professora Pagu, 35 anos).

Ao passo que os professores revisitassem suas recordações escolares, na época em que as transformações do corpo afloravam e a identidade homossexual se fazia presente em seus cotidianos, as dificuldades de se assumir perante toda a escola era uma tarefa árdua, mas também ao passo que conheciam outras pessoas LGBTQs a dinâmica de conhecer o outro ficava mais fácil de suportar as dores de alegrias de ser “diferente”. Ao mesmo tempo a dinâmica da discriminação e do assédio se faz pontuais na escola. Como coloca o Professor Darcy Penteado:

Enfrentava preconceitos olhares, risadas e comentários que desqualificava a minha condição como pessoa humana. A solidão. Minha família nunca perguntou sobre minha orientação sexual mais também nunca apoio senti falta de um olhar acolhedor de uma abraço... ainda hoje minha família não me abraça nem me acolhe. Na escola nunca conversamos sobre isso, o medo de ser descoberto nos silenciava. Na graduação tudo diferente os amigos gays foram extremamente importante no processo de aceitação e libertação.

A Professora Pagu comenta:

Não enfrentei, não com a minha família. No cotidiano da escola nada explícito, mas olhares distintos e/ou comentários distantes de mim.

A identidade homossexual posta em cheque vai delimitar espaços e confrontar com grupos que irão de contra as identidades e expressões plurais do ser humano, transformando seus preconceitos em algo naturalizado e digno de debate (*só tem aluno gay e professor gay*) atribuindo a identidade homossexual do professor um caráter de repúdio e desrespeito (*mas olhares distintos*).

Sendo assim, as identidades homossexuais serão entregues à exclusão escolar e os LGBTQs presentes na escola são marginalizados e discursos de sexismo e homofobia reforçam a matriz heterossexual.

### 3.4 Ações pedagógicas para uma educação não-sexista

Ações pedagógicas de cunho feminista são fundamentos pautados na desnaturalização dos estereótipos femininos e no diálogo constante com as verticalizações dos fundamentos dos Direitos Humanos. Criando “práticas que

desestabilizem e desconstruam a naturalidade, a universalidade e a unidade do centro” (LOURO, 2013, p. 53). Nas narrativas dos professores, o posicionamento perante os temas de diversidade sexual para uma educação não sexista se encontra através da importância em saber do tema proposto. Como coloca o Professor Darcy Penteado:

Trabalhar ações pedagógicas é de extrema importância. Promover a formação cidadã, uma formação plena refletindo a sociedade plural a qual estamos inseridos e sobretudo o respeito à diversidade sexual, os novos modelos de família, a desigualdade de gênero, múltiplas formas de manifestações da violência e a luta por direitos. A escola pode contribuir ouvindo crianças e jovens e refletindo sobre o “ser menino” o “ser menina”, o que é o ser homem o que é o ser mulher e abrir espaços de diálogos sobre os temas na perspectiva da inclusão, respeito e valorização das diferenças (Professor Darcy Penteado, 34 anos).

Desnaturalizar os processos formais da escola é de extrema urgência. Como podemos observar na fala do professor Darcy Penteado. E o que encontramos nas atuais escolas da rede pública são formações continuadas que não põem em xeque a problemática da diversidade sexual. Os professores sofrem de carência de formação continuada e de livros didáticos que tragam essas discursões para dentro das salas de aula. São pouquíssimos os livros que retratam uma educação não- sexista e a falta de informação de como anda essas distribuições de livros fazem com que o sexismo e a LGBTfobia perpetuem nas escolas, excluindo e estigmatizando as identidades LGBTs.

#### 4. ANÁLISE DO CASO DOS PROFESSORES HOMOSSEXUAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO DE CARUARU

Ao nascermos, nos deparamos com uma trama de significados já construídos sobre nossos corpos. É-nos dado um sexo, um nome, uma única orientação sexual, uma religião e uma função social. Crescemos, e validamos tudo isso. Porém, uma grande parte da sociedade rompe com esses modelos, negando todo o estereótipo e carga simbólica imposta. Transformando as concepções de mundo e de sociedade, onde o conceito de identidade aflora. Segundo Louro,

Compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos- étnicos, sexuais, de classe, de gênero, etc. – constitui o sujeito e pode levá-lo a se perceber como se fosse “empurrado em diferentes direções (LOURO, 1997, p. 24 e 25).

É dentro dessas identidades e pós identidades que os sujeitos começam a se sentir pertencentes a esse mundo, visto de uma lógica desviante, desnaturalizando o que antes era concebido como verdade absoluta sobre seus corpos, linguagem e relações sociais. O sujeito em posse de uma identidade fluída ou não, é fabricado em prol de práticas e instituições e que estão diretamente ligadas aos gêneros.

Nossos professor Darcy Penteado, 34 anos, é formado em Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru- PE. Com especialização em Educação em Direitos Humanos pela UFPE. Não possui credo e leciona Filosofia, Sociologia e Geografia em Escolas públicas e privadas em Caruaru. Já nossa professora Pagu, 35 anos, é formada em Letras- licenciatura em Língua Espanhola e Língua Portuguesa pela UFPE. Com especialização em Língua Espanhola e Novas Tecnologias pela UGF. Leciona Língua Portuguesa para estudantes de uma escola pública de nível fundamental II. É na ressignificação da prática docente e no combate ao sexismo e a LGBTfobia que nossos professores homossexuais estão inseridos

. Como podemos observar nesse quadro síntese, onde confrontamos as teorias levantadas pelos autores/as com as narrativas empíricas dos professores homossexuais, para a partir disso criarmos novas (re)configurações de conhecimentos:

| CATEGORIA                             | DIÁLOGO COM OS TEÓRICOS                      | DIÁLOGO COM OS PARTICIPANTES  | SÍNTESE                                    |
|---------------------------------------|----------------------------------------------|-------------------------------|--------------------------------------------|
| Práticas docentes de enfrentamento da | Subverter os arranjos tradicionais de gênero | A Escola pode e deve promover | A prática docente do professor homossexual |

|                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                               |
|----------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| LGBTfobia                                                      | <p>na sala da aula (LOURO, 1997, p. 124);</p> <p>Problematizar a linguagem, por considera-la fundamental no processo de desconstrução da normalidade (FURLANI, 2013, p. 70).</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                 | <p>espaços/momentos para dialogar e refletir sobre diversidade sexual na perspectiva de problematizar “valores”, crenças, costumes (Professor Darcy Penteado, 34 anos)</p> <p>Pautar a diversidade e a igualdade das pessoas sem distinção (Professora Pagu, 35 anos)</p>                                                                                         | <p>está inserida nas contribuições de uma pedagogia emancipatória. De cunho social e transversal com os Direitos Humanos.</p>                                                                                                                                 |
| Militância/ativismo do/a professor/a para a diversidade sexual | <p>As mulheres são percebidas como sujeitos sociais e políticos e ainda como sujeitos do conhecimento (LOURO, 1997, p. 149)</p> <p>Buscar formas de participar das lutas do cotidiano e pela inserção das questões LGBT na pauta de uma política de Estado para a educação (PRADO E MACHADO, 2008, p. 122).</p>                                                                                                                                                  | <p>Mudanças na legislação, a participação real das mulheres nos espaços de poder e na política (Professora Pagu, 34 anos);</p> <p>Sensibilizar os profissionais da educação no que se refere ao reconhecimento da diversidade sexual para formar sujeitos de direitos (Professor Darcy Penteado, 34 anos).</p>                                                    | <p>A militância/ativismo do professor homossexual tem sua politização nos coletivos sociais que são integrantes. Contribuindo significativamente para debates e formações na perspectiva de direitos humanos.</p>                                             |
| Identidades afetivas/sexuais do/a professor/a                  | <p>O sair do armário só se torna possível a partir da criação de sentimentos de pertença com determinados grupos sociais, os quais são capazes de elaborar sentidos e significados positivos à experiência da homossexualidade (PRADO E MACHADO, 2008, p. 77)</p> <p>A escola desempenha papel fundamental na construção, na introjeção e na transformação das noções de masculinidade, feminilidade, heterossexualidade, homossexualidade, bissexualidade e</p> | <p>Enfrentava preconceitos olhares, risadas e comentários que desqualificava a minha condição como pessoa humana. A solidão. Minha família nunca perguntou sobre minha orientação sexual (Professor Darcy Penteado, 34 anos)</p> <p>No cotidiano da escola nada explícito, mas olhares distintos e/ou comentários distantes de mim (Professora Pagu, 35 anos)</p> | <p>Ancorados em uma identidade homossexual “assumida” na escola, os professores usam de suas experiências identitárias para (re)configurar os saberes que foram historicamente negados. Buscando interpelar discursos e práticas machistas e LGBTfóbicas.</p> |

|                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                   |
|-------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                 | transgeneridade<br>(BRASIL, 2006)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                   |
| Ações pedagógicas para uma educação não-sexista | Pretendem interferir na dinâmica das escolas e universidades (transformando-a), elas se instalam e se exercitam nestes espaços, ou seja, elas são também, pedagogias institucionais (LOURO, 1997, p. 116)<br>Um conjunto de estratégias, procedimentos e disposições que devem romper com as relações hierárquicas presentes nas salas de aula tradicionais (LOURO, 1997, p. 113) | A escola pode contribuir ouvindo crianças e jovens e refletindo sobre o “ser menino” o “ser menina”, o que é o ser homem o que é o ser mulher e abrir espaços de diálogos (Professor Darcy Penteado, 34 anos)<br><br>Uma intervenção pedagógica que favorece a reflexão sobre as várias temáticas ligadas com grade curricular assim como propõem os PCNs no que se refere a orientação sexual nas escolas (Professor Darcy Penteado, 34 anos) | Em pose de formações em coletivos sociais, as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores homossexuais subvertem os estereótipos de gênero e buscam a valorização das identidades tidas como desviantes. |

#### 4.1 Práticas docentes de enfrentamento da LGBTfobia

As práticas educativas desenvolvidas pelos nossos professores homossexuais pautam a urgência de transversalizar as temáticas de diversidade sexual e sexismo no combate à LGBTfobia. Como podemos observar nas falas dos professores:

Na prática (da docência) pautando a diversidade e a igualdade das pessoas sem distinção (Professora Pagu, 35 anos).

A escola pode e deve promover espaços/momentos para dialogar e refletir sobre diversidade sexual na perspectiva de problematizar valores, crenças, costumes (Professor Darcy Penteado, 34 anos).

A escola que temos hoje se configura como um ambiente de reprodução das diferenças, negando as identidades que fogem dos padrões estabelecidos, como no caso da população LGBT e dos próprios professores homossexuais que vivem cotidianamente esses arranjos sociais excludentes. Como nos diz Joca, 2011:

As políticas afirmativas de enfrentamento ao sexismo e à homofobia realizadas pelo Ministério da Educação – MEC- concentra-se, especialmente, na realização, desde 2005, de formação continuada de educadores/as sobre gênero e diversidade sexual, em parceria com instituições de Ensino Superior. A implementação no âmbito educacional perpassa pelos conflitos epistemológicos, ideológicos e políticos, numa arena de interesses e relações de poder, como

exemplo, as dificuldades do MEC e demais órgãos governamentais em instituir, enquanto política pública, uma educação sexual na qual a abordagem pedagógica da sexualidade humana tenha como um dos seus pilares o enfrentamento ao sexismo e à homofobia (JOCA, 2011, p. 18).

É nesse enfrentamento do silenciamento aos temas de diversidade sexual e relações de gêneros que os professores com identidade homossexual da nossa pesquisa fazem de suas práticas cotidianas uma verdadeira saga política em prol dos direitos humanos. No combate ao sexismo e à LGBTfobia.

#### **4.2 Militância/ativismo do/a professor/a para a diversidade sexual**

Os movimentos sociais contemporâneos de luta e reconhecimento por identidade tem pautado cada vez mais a escola como lugar de opressão e reforço da heteronormatividade. Movimentos e coletivos como o Feminista (Marcha mundial das mulheres, MMTR- Movimento de mulheres trabalhadoras rurais do Nordeste), de cunho LGBT (Coletivo LGBT Lutas e Cores, Grupo Gay da Bahia, Coletivo Toda Forma de amor, Fórum LGBT de Pernambuco, Amotrans, Ibrat), de raça (Coletivo Assume Tua Negritude) são exemplos de coletivos que denunciam o sexismo e a LGBTfobia presentes na escola, construindo em seus projetos políticos uma educação pautada também nos saberes sociais, trazendo para o debate as subjetividades e especificidades de cada grupo. Como podemos observar na fala do professor Darcy, militante em um movimento LGBT de Caruaru, sobre a importância de pautar a educação dentro dos contextos sociais:

É preciso sensibilizar os profissionais da educação no que se refere ao reconhecimento da diversidade sexual para formar sujeitos de direitos. A educação é um instrumento de empoderamento de professores e alunos nos processos de construção de uma sociedade mais igualitária (Professor Darcy Penteado, 34 anos).

E é com intervenções pedagógicas que aos poucos o sexismo e a LGBTfobia são encarados como um sistema que legitima as relações de opressão dentro das escolas. Segundo denúncia Torres, 2011:

A população LGBT, e especificamente aqueles que trazem de maneiras explícitas em seus corpos o pertencimento a essa população têm sido historicamente alvos de crueldade e da violência na comunidade escolar. Para isso, é necessário especificar dentro dos Direitos Humanos a violência social e institucional praticada contra os direitos humanos LGBT. Especificar essa questão é questionar como travestis, gays e lésbicas são humilhados e constrangidos sem que os agentes desses atos reconheçam essa situação (TORRES, 2011, p. 28).

Assim, ao reconhecer o ambiente escolar como reprodutor de ideais políticos e de práticas sexistas e LGBTfóbicas, que ferem a dignidade e subjetividade dos sujeitos. Os professores militam dentro da escola e lutam para desestabilizar suas condições de dominados e subalternos, para (re)configurar as suas lutas na transformação da escola e da sociedade.

#### **4.3 Identidades afetivas/sexuais do/a professor/a**

Vivenciamos uma sociedade pautada numa única ótica legítima de vivenciar as expressões de masculinidades e feminilidades – a ótica da heterossexualidade. E quando os sujeitos interpelam essa lógica são colocados às margens da sociedade. Sendo visto como desviantes e subversivos. Trazendo consigo toda a carga do estigma e da invisibilidade.

Passando por este ciclo de violência e exclusão, nossos professores fazem da sua identidade homossexual uma luta política por (re)existir em espaços de tanta opressão com o ambiente escolar. Como nos conta o professor:

Já sofri por parte de colegas professores(a) que fazem discursos extremantes preconceituosos sobre o trabalho que realizo em sala de aula de voltados sobre as questões de diversidade sexual. Ela começou a dizer “escola está cheia de gay e isso é culpa do professor que não dá aula só fala de viado na sala. Uma aluna que é da mesma igreja que ela disse vai sair da escola por que só tem aluno gay e professor gay também (Professor Darcy Penteado, 34 anos).

Confrontar os radicalismos de alguns professores na escola fez com que Darcy tivesse mais força para confrontar as cenas de violências e estigmas produzidas no interior das escolas. Porém, assumir a identidade gay como política não é uma tarefa fácil. Nas contribuições teóricas de Prado e Machado, 2008:

O sair do armário só se torna possível a partir da criação de sentimentos de pertença com determinados grupos sociais, os quais são capazes de elaborar sentidos e significados positivos à experiência da homossexualidade, já que normalmente a família e a comunidade são espaços de conservação de valores morais (PRADO E MACHADO, 2008, p. 77).

No âmbito do preconceito social fica evidente que a atribuição social negativa, como uma maneira de simplificação de algumas práticas sexuais, se sustenta em meio a outras formas de desigualdade social e política. Pode-se dizer que os mecanismos de subalternização, neste caso, foram delineados a partir da moralização da sexualidade, despolitizando e relegando para o espaço privado e individual relações

de opressão instaladas na hierarquia social, liberando, dessa forma, o Estado democrático de sua tarefa principal: o alargamento do campo do político (PRADO E MACHADO, 2008, p. 78).

Ao passo que a sexualidade fica restrita apenas a um único modelo de sociedade, os grupos LGBT passam por todo tipo de opressão e violência. E essas violências só fazem legitimar o quanto nossa sociedade não está pautada na garantia de um Estado laico que garanta os direitos de liberdade de expressão e sexual.

#### **4.4 Ações pedagógicas para uma educação não-sexista**

A formação acadêmica no campo das ciências humanas viabilizam em seus recentes estudos práticas, teorias e metodologias que pauta os direitos humanos como superação do cenário de violência das escolas. As práticas feministas pautam em suas metodologias uma educação voltada à quebra dos estereótipos de gênero. E como o conservadorismo dos discursos religiosos ainda interpela as identidades LGBT na escola. E demarcar essas fronteiras é um jogo de poder.

Questionados sobre como problematizar ações pedagógicas de enfrentamento do sexismo e a LGBTfobia, nosso professor comenta:

Uma intervenção pedagógica que favorece a reflexão sobre as várias temáticas ligadas com grade curricular assim como propõem os PCNs no que se refere à orientação sexual nas escolas...é preciso levar em consideração os temas a serem abordados com a faixa etária da turma (Professor Darcy Penteado, 34 anos).

Como podemos analisar a fala do professor, a falta de inclusão de políticas educacionais e de formação continuada faz com que os temas de diversidade sexual e relações de gênero fiquem à mercê de professores que queiram abordar o tema e o evidenciar-lo na escola como urgente e necessário. Como nos alerta Louro, 2000:

Um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas (LOURO, 2000, p. 13).

Os estudos feministas assim como os estudos *queer* questionam as categorias biologizantes e normativas de nossa sociedade ocidental, transformando o cenário atual em pedagogias emancipatórias, quebrando com o círculo vicioso do oprimido/opressor e (re)configurando lutas e ações pedagógicas subversivas e transformadoras da realidade. A escola precisa urgentemente sair do armário e vadiar suas correntes de opressão.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o problema de pesquisa, “Quais os principais enfrentamentos dos professores homossexuais na escola com relação a LGBTfobia”? Finalizamos com um conjunto de análises e discussões teóricas que nos auxilia a compreender os processos sociais que perpassam a vida e a militância dos nossos professores homossexuais, bem como a dinâmica do sexismo e da LGBTfobia presentes e atuantes na escola e fora dela.

Nosso estudo demonstrou que existe uma grande urgência de se pautar a Diversidade Sexual nas escolas brasileiras. Cenas de exclusão, de marginalização e subalternização estão afastando os LGBT das escolas. E os que ainda resistem, como no caso dos nossos professores homossexuais, a identidade é resistência e demarca território. Mas ainda o sexismo e a LGBTfobia estão enraizados nas escolas, e pautar e defender essas temáticas se torna um calvário. Uma vez que discursos de ódio e fundamentalismos religiosos, fazem parte do corpo docente da escola, bem como os/as alunos. E em sua maioria, grande parcela da escola.

Já a LGBTfobia nos mostrou o quanto seu posicionamento é perverso. Uma vez que nós, LGBT, fugimos das normas estabelecidas pela sociedade. E agora enfrentamos um ciclo monstruoso de exclusão e negação de direitos. A LGBTfobia deixa suas marcas para sempre na vida de uma pessoa LGBT. Ao passo que assumimos para a sociedade nossa orientação/identidade de gênero, o mundo começa a nos enxergar como pessoas abjetas (BUTLER, 1999), sem importância. Sem merecimento de acolhimento ou respeito. A LGBTfobia encarada por nós, todos os dias, segue fazendo vítimas e silenciando a felicidade do outro. Combatê-la de todas as formas é uma tarefa que os movimentos os fazem desde o século XIX, de formas múltiplas.

E dentro dessa esperança das lutas sociais, uma educação não-sexista nos aponta um norte, que nos orienta em busca de soluções ou até mesmo pequenas intervenções; que possam construir uma educação sem estereótipos de gênero e respeitando as identidades plurais no interior e fora da nossa escola. A bandeira de luta feminista e LGBT são espaços sociais que estão cada vez mais desnaturalizando os papéis sociais e sexuais da nossa sociedade. Denunciando e apontando abordagens e caminhos políticos em prol de uma educação libertadora.

Através do Método do Caso Alargado, consolidamos as urgências e os confrontos vividos cotidianamente pelos nossos professores da nossa pesquisa. Através de uma análise metodologicamente minuciosa.

*Práticas docentes de enfrentamento da LGBTfobia:* as práticas docentes vivenciadas pelos nossos professores homossexuais celebram em seu cotidiano a desconstrução e a permanente vigília em torno de assuntos e contextos que retratem temas e assuntos no combate ao sexismo e a LGBTfobia.

*Militância/ativismo do/a professor/a para a diversidade sexual:* diante de uma identidade homossexual assumida na escola, nossos professores enfrentam o sexismo e a LGBTfobia muitas vezes sozinhos. Sem apoio de colegas professores/as e da gestão. A força para continuar na militância e no ativismo em sala de aula vem dos coletivos e movimentos que fazem parte. Uma vez que esses coletivos são espaços riquíssimos de saberes e práticas desconstrucionistas.

*Identidades afetivas/sexuais do/a professor/a:* a identidade homossexual do professor é demarcada por singularizações e subjetividades próprias. Muitas vezes demarcada pelo silenciamento e pela LGBTfobia vivenciada na família, escola e sociedade. Ir de contra aos padrões normais e sadios impostos e ter orgulho de suas identidades é um processo longo e cada um faz o seu. Nossos professores demarcam territórios com suas identidades, e desse modo, relações de poder também são criadas.

*Ações pedagógicas para uma educação não-sexista:* grandes teóricas feministas fizeram de suas realidades o combustível teórico para se criar uma pedagogia libertária e epistemológica. É dessas fontes de conhecimento e tensões sociais que nossos professores bebem. Trabalhar diversidade sexual sem um apontamento para uma educação não-sexista não faz sentido. Logo, ações feministas de caráter pedagógico transformam o cenário discriminatório das escolas. Consolidando uma pedagogia feminista teórica e prática. E que dialoga com as peculiaridades de cada escola.

As transformações no campo da educação são urgentes, e traçar uma linha epistemológica baseada no respeito, na igualdade, e no combate às opressões vividas pelas identidades LGBTs não devem ser vistas como um privilégio, mas encaradas como fundamentais para se pautar os Direitos Humanos.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Graciela; DÍAZ, Raúl. **Reflexiones acerca de los aportes de las epistemologías feministas y descoloniales para pensar la investigación social.** Dossie: Pensamiento crítico y cambio. Ano 1, nº 1, 2012.

BORRILO, Daniel. **Homofobia:** história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL. **Ministério da Educação.** Secad. Instruções para apresentação e seleção de projetos de formação de profissionais da educação para a promoção da cultura e de reconhecimento da diversidade sexual e da igualdade de gênero. Brasília: MEC, 2006

BUTLER, J. **Corpos que pesam:** sobre os limites discursivos do “sexo”. Louro, G. O corpo educado - Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DESLAURIERS, Jean- Pierre. **O delineamento de pesquisa qualitativa.** A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: editora vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. 11. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual: possibilidades didáticas. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação/** Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). 9.ed. – Petrópolis, RJ: VOZES, 2013.

GALINKIN, A.L; ISMAEL, E. **Gênero.** Camino L.; Torres A. R.; M.E.; Pereira, M.E. (Org). Psicologia Social: Temas e teorias. 1º. ed. Brasília: Technopolik Ed., 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JOCA, Alexandre Martins. **Direitos Humanos e Diversidade Sexual pelo Direito à Educação e à Diversidade na Escola**. TV Escola: educação e diversidade sexual. Ano XXI Boletim 04. 2001.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Homofobia nas Escolas: um problema de todos**. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: Problematizações sobre a homofobia nas escolas**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação, Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LAGE, Allene. **Educação e Movimentos Sociais: caminhos para uma pedagogia de luta**. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2013.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação/** Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). 9.ed. – Petrópolis, RJ: VOZES, 2013.

\_\_\_\_\_. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. **Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação**. Estudos Feministas: 2001.

MINAYO, M. C. S. (Org); DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O. GOMES, R. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves de. **Pedagogia queer, gestão escolar e as fissuras da heteronormatividade**. Anais do VII Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura. Rio Grande – RS Brasil, 2014.

OLIVEIRA, Anna Luiza Araújo Ramos; Oliveira Aurenéa Maria de; MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves de. **Os estudos sobre gênero e diversidade sexual e as proposições da pedagogia queer para constituição de contextos escolares emancipatórios.** Revista Educação em Questão, v 44. 30, p. 110, set/dez 2012.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade.** São Paulo: Cortez, 2008.

Ramos, Sílvia. Movimentos Sociais e Sexualidades/ organizadoras, Miriam Pillar Grossi – Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Os conflitos urbanos no Recife: o caso do “Skylab”.** Revista crítica de Ciências Sociais, nº 11, maio, pág. 9-59. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 1983.

SIERRA, Jamil Cabral. **MARCAS DA VIDA VIÁVEL, MARCAS DA VIDA VIVÍVEL. O governo da Diversidade Sexual e o desafio de uma ética/estética pós-identitária para a teorização político-educacional LGBT.** Tese de Doutorado – Universidade do Paraná. Programa de Pós-graduação em Educação. 2013.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. **Na Trilha do Arco-Íris: Do movimento homossexual ao LGBT.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

TORRES, Marco Antonio. **Enfretamentos possíveis à homofobia: orientação sexual e identidade de gênero no contexto da educação.** TV Escola: educação e diversidade sexual. Ano XXI Boletim 04. 2001.

VIEIRA, Rafael Lima. **Intencionalidades políticas no pensamento educativo da militância LGBT em Caruaru.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA. Programa de Pós-Graduação em Educação contemporânea, 2013.